



COMBART

**GUERRA, PAULA
& CAMPOS, RICARDO**

(EDS.) (2025)

**:: ARTE, ARTIVISMO
E CIDADANIA.
REVOLUÇÕES,
PROTESTOS
E ATIVISMOS
ESTÉTICO-POLÍTICOS**

:: ART, ARTIVISM
AND CITIZENSHIP.
REVOLUTIONS,
PROTESTS AND
AESTHETIC-POLITICAL
ACTIVISM

PORTO: FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

FACULTY OF ARTS AND HUMANITIES OF THE UNIVERSITY OF PORTO

GOVBOART

**Arte, ativismo
e cidadania.**

Revoluções.

Protestos.

**Ativismos
estético-políticos.**

Paula Guerra

Ricardo Campos [Eds.]

A IDENTIDADE TRANSNACIONAL LATINO-AMERICANA E O TROPICALISMO: REFLEXÕES DE TORQUATO NETO E JOSÉ CARLOS CAPINAN

LATIN AMERICAN TRANSNATIONAL IDENTITY AND TROPICALISM: REFLECTIONS BY TORQUATO NETO AND JOSÉ CARLOS CAPINAN

Dalane RUFINO, Universidade Federal do Piauí. E-mail: daianeuespi@gmail.com

Edwar CASTELO BRANCO, Universidade Federal do Piauí. E-mail: edwar2005@uol.com.br

Paula GUERRA, Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Instituto de Sociologia da Universidade do Porto. E-mail: pguerra@letras.up.pt

<https://doi.org/10.21747/978-989-9193-02-4/coma9>

Resumo

Este artigo lança luz sobre um aspecto ainda pouco explorado nos estudos sobre o Tropicalismo: a transnacionalidade da cultura latino-americana. Através da obra torquateana, especialmente no texto escrito em formato de roteiro para a televisão intitulado *"Vida, Paixão e Banana do Tropicalismo: 1967 – 1968"*, em parceria com o também poeta e letrista tropicalista, José Carlos Capinam. Este último autor da canção *Soy Louco Por ti América*, feita em parceria com Gilberto Gil e que se tornou um hino à latinoamericanidade. No texto, discute-se a redefinição da cultura brasileira proposta pelos tropicalistas, tendo como base teórica o conceito de hibridismo cultural e multiculturalismo, de Canclini (2007) e Bhabha (1998); foram igualmente úteis o contexto das manifestações artísticas contemporâneas do Sul Global, tal como estudado por de Guerra (2022), e o fenômeno da pós-modernidade no Brasil no final dos anos de 1960, conforme Castelo Branco (2024).

Palavras-chave: Identidade. Transnacionalidade. América Latina. Torquato Neto.

Abstract

This article sheds light on an aspect still little explored in studies on Tropicalismo: the transnationality of Latin American culture. Through the work of Torquato Neto, especially in the text written in the format of a television script entitled “Vida, Paixão e Banana do Tropicalismo: 1967 – 1968,” in partnership with fellow tropicalist poet and lyricist, José Carlos Capinam. The latter is the author of the song *Soy Louco Por Ti América*, made in collaboration with Gilberto Gil and which became a hymn to Latin Americanness. The text discusses the redefinition of Brazilian culture proposed by the tropicalists, based on the theoretical concept of cultural hybridity and multiculturalism by Canclini (2007) and Bhabha (1998); it also draws on the context of contemporary artistic manifestations in the Global South, as studied by Guerra (2022), and the phenomenon of postmodernity in Brazil in the late 1960s, according to Castelo Branco (2024).

Keywords: Identity, Transnationality, Latin America, Torquato Neto.

Vida e paixão do tropicalismo

O contexto latino-americano das décadas de 1960 e 1970, quando países como o Brasil se encontravam submersos em regimes políticos ditatoriais, é, na perspectiva histórica, momento singular para se pensar a relação entre arte e política. No período, a juventude brasileira, principalmente a juventude universitária, ligada aos Centros Populares de Cultura – CPCs, da União Nacional dos Estudantes – UNE, empreendia pelo Brasil, através de eventos e produções artísticas, uma frente de resistência ao que esta juventude definia como imperialismo norte-americano.

A reação dos estudantes à ditadura militar no Brasil e ao mesmo tempo o alinhamento político dos ditadores com os Estados Unidos fazia com que parte da juventude brasileira tivesse certa ojeriza às influências norte-americanas na cultura. Eles lutavam contra o que chamavam de “colonização americana”: os jovens cepecistas defendiam uma cultura puramente brasileira, livre de influências externas, notadamente norte-americanas.

Neste contexto fomentava-se uma valorização da cultura dos territórios sul-americanos e o debate sobre a transnacionalidade da cultura aparece na obra do poeta, letrista da tropicália e jornalista Torquato Neto, especialmente no texto escrito em formato de roteiro para a televisão intitulado “Vida, Paixão e Banana do Tropicalismo: 1967 – 1968”, em parceria com o também poeta e letrista tropicalista, José Carlos Capinam.

“Vida, Paixão e Banana do Tropicalismo – 1967 – 1968” é o que no Jornalismo se chama de “**Script**” – um roteiro com indicações de como será montado o programa de TV, as falas, posicionamento de câmeras, uso de sons, de imagens e até mesmo de figurinos e cenários. Considera-se este como sendo o primeiro texto torquateano feito para o audiovisual, visto que até 1967 as experiências de Torquato com o jornalismo se deram exclusivamente nos veículos impressos, com pequenas atuações no rádio ²⁷.

Torquato deveria ser o Diretor do Programa, como fica explícito no **off** programado no final do **script**: “Este programa foi escrito por nossos parceiros Capinam e Torquato Neto, que também dirigiu”. No entanto, o roteiro de Torquato e Capinam não foi aceito e o programa foi gravado em outro formato, fato que não exclui a relevância histórica deste documento, pois apresenta o pensamento torquateano em sua fase tropicalista, além de marcar a escrita de Torquato para o audiovisual: um texto que pretendia ser materializado em falas e imagens.

É tão significativo o manifesto “Vida, Paixão e Banana do Tropicalismo – 1967 – 1968”, que no aniversário de 30 anos da Tropicália, em 1998, durante o evento “Tropicália 30 anos”, no Museu de Arte Moderna da Bahia, foi feita uma leitura dramática do texto dirigida por José Celso Martinez Corrêa²⁸ e contando com encenação de Caetano Veloso (Folha de São Paulo, 1998).

Segundo o roteiro de Torquato e Capinam, o primeiro programa de TV tropicalista marcaria também o seu fim: “1967 – 1968” como princípio e fim, vida e morte (paixão) do

²⁷ Segundo a Revista Intervalo, no ano de 1967, Torquato Neto trabalhou como produtor de um programa de Chico Buarque na Rádio Jovem Pan.

²⁸ José Celso Martinez Corrêa, nasceu em Araraquara, São Paulo, 1937. Diretor, autor e ator. Destacado encenador desde a década de 1960, inquieto e irreverente, líder do Teatro Oficina. Nos anos 1970, influenciado pelas experiências da contracultura, ganhou destaque como expoente da comunidade teatral e com montagens de criações coletivas. (Enciclopédia Itaú Cultural, 2023).

Tropicalismo. Além de estar no título, a ideia de fim está presente também em várias falas no roteiro, tais como esta que deveria ter sido narrada por Caetano Veloso e Gilberto Gil:

CAETANO E GIL (voz off) - Somos compositores. Estamos aqui para realizar a primeira e última manifestação conjunta de tudo que no ano de 67 e até hoje recebeu o nome de Tropicalismo foi uma tentativa crítica da cultura brasileira através da utilização, como matéria de todas as tendências expressão dessa cultura. Para demonstrar a necessidade de criação de uma cultura absolutamente nova. Por isso o Tropicalismo é uma fase crítica que se esgota quando cumpre o seu papel. Este programa pretende mostrar porque sentimos essa necessidade, quando ela nos surgiu e de que modo daremos por concluída uma boa parte do nosso trabalho. O Tropicalismo está no fim. E apenas demos os primeiros passos de uma longa travessia. (Capinan & Torquato, 1968, s/p).

Como se pode ver, trata-se de um anúncio de que os tropicalistas cumpriram o seu papel, tendo chegado o fim para eles. Entretanto, ao mesmo tempo, numa intencional contradição que é própria do tropicalismo, o texto anuncia que foram dados apenas os primeiros passos, indicando que o caminho deveria ser seguido. As transformações na maneira de fazer arte e de problematizar a cultura brasileira deveriam continuar. A ideia é reforçada ao final do roteiro, quando os jovens são conclamados a assumir as mudanças que, na visão de Torquato Neto e Capinan, se faziam necessárias. “Cada geração deve, numa opacidade relativa, descobrir sua missão. E cumpri-la ou traí-la”. (Capinan & Torquato, 1968, p.14).

No final do programa seria anunciada a morte do tropicalismo, representado em cena por um monumento feito de isopor. “GIL - O Tropicalismo está quase morto. Perto das sedução da moda, dos artifícios do tempo, da veleidade de ser o que não somos, ele morre”. No entanto, a morte do tropicalismo é relativa, porque aconteceria um transplante do coração tropicalista, representado ali pelo monumento, embora não se soubesse ainda quem iria receber este coração, o texto indica que poderia ser o “poder jovem”. (Capinan & Torquato, 1968, p.13).

NARRADOR-Estamos assistindo neste momento ao transplante do coração do monumento da Tropicália, que vai falecer. O momento é de enorme tensão coletiva. A Tropicália é o doador. Até o presente momento não podemos informar quem será o receptor do coração tropicalista. Há notícias de que será o PODER JOVEM. Mas por enquanto o coração restará entregue a si mesmo, conservado numa solução de sangue, suor e lágrimas.

O coração é colocado ritualmente no mapa da América do Sul. Percussão.

No instante em que os tambores param, Caetano e Gil se disparamentam ficando com roupas comuns. (Capinan & Torquato, 1968, p.13).

Como se pode ver, trata-se de um roteiro cheio de simbologias, Caetano e Gil tirando as roupas alegóricas tropicalistas e ficando com roupas comuns marcaria o fim daqueles tropicalistas e o transplante de coração representaria o início de uma nova fase.

O tropicalismo figura, na história do Brasil, como uma espécie de “retomada oswaldiana”. De modo geral, conforme demonstrado por Castelo Branco (2024), há um esforço discursivo para fazer convergir as criações tropicalistas para uma “linha evolutiva” da cultura brasileira. No manifesto ora em discussão percebe-se este esforço: o fim do tropicalismo apenas fecharia uma válvula – o coração postado no centro da América do Sul – que poderia e deveria ser reaberta no futuro.

Soy louco por ti América

Ao som de “Soy Loco por ti América”, canção de Capinan e Gilberto Gil, o roteiro de que trata este estudo constrói a ideia de integração entre as culturas brasileiras e dos demais países sul-americanos. Em espanhol, eles conclamam os outros países a descobrirem a “vereda tropical”:

GIL - El que es bueno para ellos es bueno para nosotros. Desculpem. Quisera recordar-lhe la brisa que besa e balancea la palma do coqueiro e el sabiá. Mas ai de nosotros. Non subieramos nuestros meurtos sobre la tierra de Latino-América. Quisera ser contente para saludar os mares, espumas e vientos, nossas bandeiras. Mas ai de nosotros, não lloassemos pelo desperdicio de nuestras virtudes e riquezas. Simon Bolivar, eu quero viver livre e morrer cidadão. Por que não encontramos nuestras vereda tropical? Uma vez começada la lucha tropicalista es indispensable ser consecuente. E a forma de triunfar. Encontrar a vereda tropical de América Nuestra. (Torquato & Capinan, 1968, p.7).

“Soy Louco Por ti América”, que se tornou um hino à latinoamericanidade, é canção sobre a qual paira uma nuvem de dúvidas. É incerta a sua autoria. Há muitas indefinições sobre atribuição ou não de sua autoria a Torquato Neto, que aparece no encarte do disco da primeira gravação, mas não aparece nas demais.

Soy loco por ti, América
Yo voy traer una mujer playera
Que su nombre sea Martí
Que su nombre sea Martí

Soy loco por ti de amores
Tenga como colores la espuma blanca
De Latinoamérica

Sorriso de quase nuvem
Os rios, canções, o medo
O corpo cheio de estrelas
Como se chama amante

Desse país sem nome
Esse tango, esse rancho
Esse povo, digam-me, arde
O fogo de conhecê-la

O nome do homem morto
Já não se pode dizê-lo, quem sabe?
Antes que o dia arrebente
O nome do homem morto
Antes que a definitiva
Noite se espalhe na América Latina

Espero a manhã que cante
O nome do homem morto
Não sejam palavras tristes
Um poema ainda existe
Com palmeiras, com trincheiras
Canções de guerra
Quem sabe canções do mar
A até te comover

Estou aqui de passagem
Sei que adiante
Um dia vou morrer
De susto, de bala ou vício
Num precipício de luzes
Entre saudades, soluços
Eu vou morrer de brucos
Nos braços, nos olhos
Sou louco por ti, América
Sou louco por ti de amores

A canção, como se pode ver, em sintonia com aquilo que era comum aos “tempos de chumbo”, expressa um medo: “Antes que a definitiva/ Noite se espalhe na América Latina”. Mas, ao mesmo tempo, expressa esperança: “Espero a manhã que cante”. A América Latina é unificada em um país, ainda sem nome, mas de um mesmo povo, que se quer conhecer. “Como se chama amante/ Desse país sem nome/ Esse tango, esse rancho/ Esse povo, digam-me, arde/ O fogo de conhecê-la”.

Observa-se que a estrutura narrativa de *Soy Louco Por ti América*, com mistura das duas línguas latinas – espanhol e português – assim como o conteúdo revelado em uma ideologia que enaltece o povo e a cultura latino-americano é muito similar ao que se encontra no roteiro “Vida, paixão e banana do tropicalismo – 1967 - 1968”. Ambos propõem um tropicalismo para além do Brasil, que poderia ser integrador tal qual foi a luta bolivariana por uma única américa espanhola, livre e independente. A luta tropicalista deveria ser “consequente”, deveria seguir, deveria continuar.

Lidos conjuntamente o manifesto e a música apontam o tropicalismo como um corte na cultura artística brasileira. Corte que, tal como o modernismo da década de 1920, pretensamente fermentaria o campo para novas experiências futuras. Quem retomaria o coração “loco por latino américa” e o faria novamente bater?

Naqueles anos de 1967 e 1968, quando o roteiro e a letra em questão foram escritos, assim como o livro *Panamérica*, de José Agrippino de Paula, publicado pela editora Tridente, os jovens da América do Sul reverberavam os impactos políticos do assassinato de Che Guevara – Ernesto Rafael Guevara de la Serna – morto no ano anterior, quando liderava grupos revolucionários na Colômbia. Che foi transformado em símbolo da luta antiimperialista na américa do Sul. Em entrevista a Ana de Oliveira para o site *tropicália.com.br*, Capinan diz que o roteiro de “Vida, Paixão e banana do tropicalismo” fazia referências às guerrilhas e a Che Guevara:

Até hoje acho que só um delírio revolucionário tropicalista poderia pensar num programa como aquele. Fizemos o roteiro na casa de Zé Celso Martinez Corrêa, que era o diretor. Era um painel delirante. Em *Verdade Tropical*, Caetano se refere a esse programa como algo suicida, impossível de ser produzido naquela época dentro da televisão. Lá estavam claramente a questão das guerrilhas e uma citação de Che Guevara, que tinha acabado de morrer. Era prioridade continental acabar com as guerrilhas. Mesmo sendo comunista, eu não era a favor delas, mas admirava a pureza romântica de Che. Grande Otelo era o apresentador. E era um musical, com Luiz Gonzaga, Vicente Celestino... Era uma ideia rebelde, que não deixava nada em pé. E não por desamor. Porque o Tropicalismo não dizia “Estamos criticando vocês”, e sim “Somos filhos disso tudo, e não somos melhores, apenas discordamos disso com afeto”. É a melhor coisa pra expressar esse sentimento. Talvez eu tenha aprendido isso com a interpretação de Caetano para “Coração Materno”, de Vicente

Celestino. Não é paródia nem rejeição. Quando isso emocionava a gente da minha casa, eu estava presente e gostava. Assim como, menino, gostava de rumba, que pra mim era música brasileira. “Soy Loco por Ti, América”, é isso. (Capinan, 2023, s/p).

A América do Sul aparece em outras referências no texto, logo na abertura do programa deveria aparecer uma imagem do hemisfério sul, seguido de um **zoom** focando o mapa do Brasil, seguindo de uma cartela com o que seria um conceito: “Tropicalismo nome dado pelo colonismo oficial a uma série de manifestações culturais espontâneas surgidas durante o ano de 67 e portanto, logo destinadas à deturpação e à morte”. (Torquato & Capinan, 1968, p.2).

O tropicalismo como uma denominação posterior ao acontecimento de manifestações artísticas de forma espontânea foi muito bem interpretado por Castelo Branco (2024) ao discorrer em sua pesquisa sobre a “invenção da tropicália”. O tropicalismo como um “universo multifacetado”, com inúmeras virtualidades, numa perspectiva de guarda-chuva, abrigou artistas, ideias e trabalhos que apontavam indícios de ruptura com as formas anteriores de fazer arte no Brasil, especialmente a música. “Aqueles manifestações foram inventadas como movimento coeso à posteriori, a partir de um esforço discursivo que igualou diferentes”. (Castelo Branco, 2024, pp.101-102).

O texto “Vida, paixão e banana do Tropicalismo – 1967 – 1968” faz justamente a reunião de elementos que remetem às manifestações artísticas e aos artistas que foram reunidos no que se convencionou chamar de “Movimento Tropicalista”. No roteiro, o próprio locutor do programa anuncia que a estrutura se assemelha aos rituais e as formas da comunicação de massa.

[...] missa, carnaval, dramalhão, candomblé, teatro, cinema, sessão espírita, poesia popular, Chacrinha, inauguração, discurso, demagogia, sermão, orações, ufanismo, revolução, transplante, saudosismo, regionalismo, bossa, americanismo, turismo, getulismo, construção e destruição tipo Judas em sábado de aleluia. (Torquato & Capinan, 1968, p.9).

O roteiro previa encenações teatrais intercaladas com apresentações musicais, sempre usando elementos do tropicalismo referentes à peça “O Rei da Vela”, encenada pelo Teatro Oficina e dirigida por José Celso Martinez Correa, e ao filme Terra em Transe, de Glauber Rocha. Havia ainda a previsão para entrevistas dentro do programa, como ponte para a participação de convidados tais como Nelson Motta, Gilberto Freire e Chacrinha. No entanto o roteiro não foi seguido e o programa foi feito em outro formato. O Jornal da Tarde registrou na reportagem “Depois da festa, uma ceia de bananas e abacaxis”, que o programa foi gravado em formato de uma festa, na “Gafieira Som” de Cristal para um público presente de 2 mil pessoas com o nome de “Tropicália ou Panis Et Circenses”.

A festa começa, Grande Otelo, sentado no chão diz:

-Está na hora do Tropicalismo. Tropicalismo é discurso! Tropicalismo é o Chacrinha! Tropicalismo é homenagem! Tropicalismo é demagogia!

Gilberto Gil grita:

-Tropicalismo é uma questão de bom senso!

Grande Otelo continua:

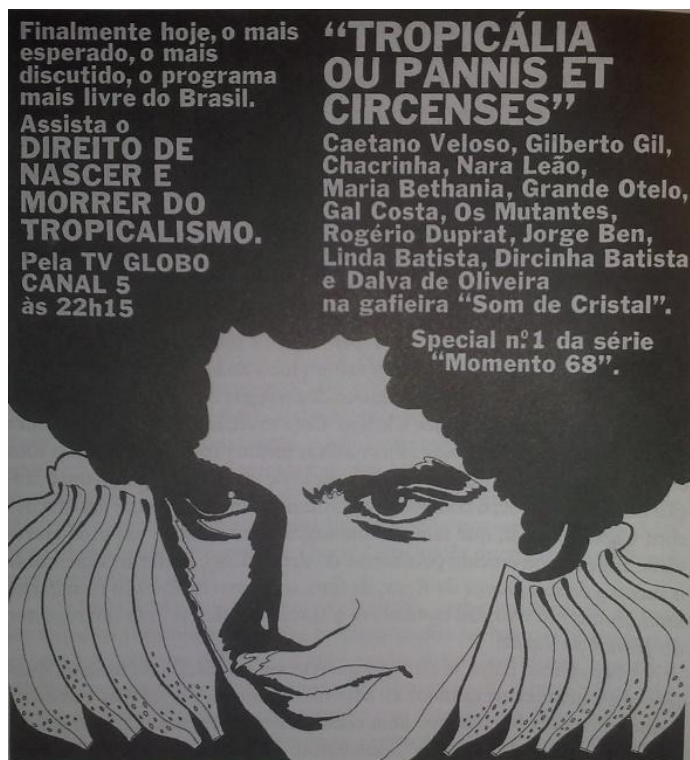
-Tropicalismo é às margens plácidas, é assistir ao Direito de Nascer, tropicalismo é uma bênção dos céus! Está inaugurado o tropicalismo na televisão brasileira!

Nessa hora todo mundo canta Chiquita Bacana. Depois Caetano canta Tropicália. O público o acompanha.

Lá do fundo, sai uma procissão, com os cantores da noite. Quem vai na frente leva, espetado em um pau, um crânio de boi. Atrás vem anjos, velas, roupas longas de cores berrantes.

-É o Festival da bagunça, comenta alguém.

Mas o público aplaude e continua aplaudindo quando Caetano canta de novo, e depois Os Mutantes. Os aplausos maiores são quando Gil canta Miserere Nobis, numa encenação de luzes que se apagam e se acendem rapidamente no final da música. (Jornal da Tarde, 1968, s/p).



Cartaz do Programa que foi ao ar na TV Globo com o rosto de Caetano Veloso

Vicente Celestino, um dos convidados que cantaria no show para a TV, faleceu algumas horas antes. Caetano e Gil permaneceram um tempo no hospital com o amigo e depois resolveram prosseguir com o show, que iniciou somente a 1 hora da madrugada. Não foram encontrados registros de que Torquato tenha participado da gravação do programa. Nem se o fato do roteiro de Torquato e Capinam não ter sido aceito causou algum mal-estar entre os tropicalistas.

Torquatália: teorizações sobre o tropicalismo

Além do roteiro "Vida, paixão e banana do tropicalismo", outros dois textos, também escritos por Torquato Neto no ano de 1968, dão pistas de seu pensamento tropicalista: "Tropicalismo para principiantes" e "Torquatália III". Ambos são manifestos. Sobre o primeiro paira dúvida sobre se chegou a ser publicado, pois o documento só foi identificado na forma original datilografado; o segundo foi publicado em *O Estudo*, jornalzinho do colégio São Fernando, editado por Ivan Cardoso, que no futuro dirigiria o filme "Nosferato no Brasil", no qual Torquato Neto atua como o protagonista que interpreta o vampiro Nosferato.

Em “Tropicalismo para principiantes” Torquato anuncia o lançamento do tropicalismo, como “um movimento pop autenticamente brasileiro”, feito por “um grupo de intelectuais reunidos no Rio – cineastas, jornalistas, compositores, poetas e artistas plásticos”. Em seguida, apresenta um conceito para o que seria este movimento: “Assumir completamente tudo o que a vida dos trópicos pode dar, sem preconceitos de ordem estética, sem cogitar de cafonice ou mau gosto, apenas vivendo a tropicalidade e o novo universo que ela encerra, ainda desconhecido. Eis o que é”. (Neto & Pires, 2004, p.59).

Com humor ácido, que lhe era peculiar, Torquato diz que será colocado vitórias-régias na piscina do Copacabana Palace para a festa de lançamento do tropicalismo e que o mesmo pode acontecer qualquer dia, fazendo referência ao texto “A Cruzada Tropicalista”, de Nelson Motta, publicado no jornal *Última Hora*, no dia [qual?!] de fevereiro daquele ano. Embora o manifesto de Torquato não tenha data, pressupõe-se que foi escrito no início de fevereiro de 1968, na mesma semana da publicação de Nelson Motta. “Porta-voz do tropicalismo, por enquanto, é o jornalista e compositor Nelson Motta, que divulgou esta semana, num vespertino carioca, o primeiro manifesto do movimento”. (Neto & Pires, 2004, p.59).

Como dito anteriormente, este texto analisa a redefinição da cultura brasileira proposta pelos tropicalistas tendo como base teórica o conceito de hibridismo cultural, de Canclini (2007) e Bhabha (1998). Quando estruturas socioculturais diferentes se misturam, ocasionando o rompimento das barreiras que separam o que é culto, popular e massivo. Esta mistura, que se dá nos aspectos culturais, econômicos e políticos, promove uma nova configuração cultural, chamada por Canclini de multiculturalidade. (Canclini, 2007, p. 40).

No manifesto “Torquatália III”, palavra que faz menção à junção do nome Torquato com tropicália, ele apresenta sete tópicos com ideias sobre o tropicalismo. “[...] a tropicália é a medida mais justa do possível, no coração surrealista do Brasil, porque é a opção mais natural e ampla”. Torquato está preocupado em expandir a tropicália e não em restringir a um conceito:

6 – eu escolho a tropicália porque não é liberal mas porque é libertina. a antifórmula superabrangente: o tropicalismo está morto, viva a tropicália. todas as propostas serão aceitas, menos as conformistas. (seja marginal). todos os papos, menos os repressivos (seja herói). e a voz de ouro do brasil canta para você”. (Neto & Pires, 2004, p. 63).

Ao escrever narrativas sobre o tropicalismo, mesmo tentando não restringir seu conceito, Torquato elabora um discurso que, de certa forma, sintetiza as ideias tidas como tropicalistas. A posteriori, estes textos, assimilados como documentos históricos, como se deu no livro *Torquatália*, organizado por Paulo Roberto Pires, produz saberes sobre aquele tropicalismo, chamado de movimento. Saberes tratados aqui como construção histórica, no sentido dado por Foucault (2008), onde as práticas discursivas produzem verdades e estas verdades são convertidas em questões históricas. O autor trata a linguagem como elemento estruturador da relação do ser humano com o real, focando as suas análises nas práticas discursivas.

Assim, não se pode decifrar com certeza os sentidos objetivados por Torquato Neto ao escrever estes dois manifestos, pois os textos, como elementos históricos de construção de saberes e de verdades, podem ser volúveis conforme a época e as apropriações que são feitas sobre eles.

Uma formação discursiva não desempenha, pois, o papel de uma figura que para o tempo e o congela por décadas ou séculos: ela determina uma regularidade própria de processos temporais; coloca o princípio de articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e outras séries de acontecimentos, transformações, mutações e processos. Não se trata de uma forma intemporal, mas de um esquema de correspondência entre diversas séries temporais.” (Foucault, 2008, p. 83)

Torquato tinha muita consciência do poder da linguagem e uma nítida preocupação em não limitar o tropicalismo. Na entrevista concedida por ele ao radialista gaúcho Vanderlei Malta da Cunha durante o IV Festival da Música Brasileira da Record em São Paulo, no ano de 1968, citada no capítulo 1, Torquato diz que nenhuma frase resolveria claramente a pergunta sobre o que é tropicalismo, pois ele é abrangente e livre.

“Mas o que é o tropicalismo? Tropicalismo é você fazer um exercício de liberdade, eu sei lá, é mil coisas. Você pode dizer mil frases a respeito disso, mas de fato nenhuma frase resolve”. (Neto, 1968, s/p).

Mas não há como fugir das amarras da linguagem e toda palavra guarda uma cilada, sendo os significados imprevisíveis, como bem disse o próprio Torquato em poema publicado pós-morte no livro “Os Últimos dias de Paupéria”:

Quando eu recito ou quando eu escrevo uma palavra, um mundo poluído explode comigo e logo os estilhaços desse corpo arrebatado, retalhado em lascas de corte e fogo e morte (como napalm), espalham imprevisíveis significados ao redor de mim. [...] uma palavra é mais que uma palavra, além de uma cilada. Agora não se fala nada e tudo é transparente em cada forma; qualquer palavra é um gesto e em sua orla os pássaros de sempre cantam apenas uma espécie de caos no interior tenebroso da semântica. [...] Escrevo, leio, rasgo, toco fogo e vou ao cinema. (Neto, 1982, s/p).

As publicações posteriores ao tropicalismo foram construindo os saberes sobre ele, objetivando também os sujeitos que o compunham, porque tais publicações são o resultado de uma elaboração discursiva feita ao longo do tempo, como bem discorreu Castelo Branco:

A Tropicália, portanto, esta enorme metáfora do Brasil pós-moderno, inventada como um ‘movimento’ que teria ganhado consistência especialmente em razão dos talentos pessoais e da missão e visão revolucionária de Caetano Veloso e Gilberto Gil é o resultado de uma formação discursiva que objetivou arbitrariamente os lugares-sujeito e cada um. (Castelo Branco, 2024, p.129).

Nos manifestos, na entrevista e no roteiro Vida, paixão e banana do tropicalismo, Torquato tenta não conceituar, conceituando, faz a sua própria objetivação do tropicalismo: explicações dadas em jornais ou rádio. Assim, os textos de Torquato, de Nelson Motta e de outros jornalistas, além daqueles de Caetano Veloso no livro Verdade Tropical (1997) e dos diversos artigos e teses, entrevistas, sites, imagens, vão, no decorrer do tempo, dando forma, objetificando a tropicália.

Uma formação discursiva não desempenha, pois, o papel de uma figura que para o tempo e o congela por décadas ou séculos: ela determina uma regularidade própria de processos temporais; coloca o princípio de articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e outras séries de acontecimentos, transformações, mutações e processos. Não se trata de uma forma intemporal, mas de um esquema de correspondência entre diversas séries temporais. (Foucault, 2008, p.83)

Trabalhando muito bem a linguagem, Torquato Neto contribuiu, através das manifestações e manifestos tropicalistas, a elaborar e expor uma cultura brasileira multifacetada, como uma geleia geral, com bumba-meu-boi, rock iê-iê-iê, disco do Sinatra, com relíquias que vão dos destaques da Portela à carne seca na janela, como diz a letra da música “Geleia Geral”, de autoria dele, no disco “Panis Et Circenses”, de 1968, considerado o disco manifesto da Tropicália.

Considerações finais

A obra jornalística e artística de Torquato Neto e Capinam antecipou os conceitos acerca da multiculturalidade, colocando em debate a questão da transnacionalidade da cultura brasileira. Eles não se fecharam aos conceitos de cultura única ou estagnada, muito comum nos anos de 1960 com a eclosão do nacional popular, pelo contrário, perceberam o hibridismo cultural que acontecia entre os povos, entre os países e como as várias manifestações poderiam gerar manifestações artísticas novas, autênticas e revolucionárias.

O tropicalismo, portanto, manifestou-se para além da materialidade artística das obras diversas, mas também no campo de teorização sobre a identidade cultural brasileira, antecipando discussões que só eclodiriam no mundo nos anos de 1980 com os estudos culturais.

Ao inserir culturalmente o Brasil na América Latina e vice e versa, Capinan e Torquato apresentam um olhar geográfico acerca das relações advindas dos processos históricos comuns ao povo latino-americano: a colonização e a hibridização cultural que se deu desde

a chegada dos europeus ao continente. Ao juntar os idiomas português e espanhol em “Vida, Paixão e Banana do Tropicalismo” e em “Soy Loco Por Ti América”, os poetas falam da proximidade entre o Brasil e a América espanhola, também submersa no mesmo processo multicultural.

Escritos há 56 anos, estes documentos permanecem atuais, originalmente textos de música e jornalismo, tornaram-se históricos, inventariando o passado e dando contornos ao presente.

Financiamento

Esta pesquisa contou com o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, através do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior - PDSE do Ministério da Educação do Brasil.

Referências Bibliográficas

Bhabha, H. (1998). *O local da cultura* (M. Ávila, E. L. de Lima Reis, & G. R. Gonçalves, Trans.). UFMG.

Castelo Branco, E. A. (2024). *Todos os dias de Paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália*. Annablume.

Canclini, N. G. (2007). *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade* (4ª ed.). EDUSP.

Capinan, C. (2023). Entrevista concedida à jornalista Ana de Oliveira. *Tropicália*. Disponível em: <https://tropicalia.com.br>.

Jornal da Tarde. (1968). Depois da festa, uma ceia de bananas e abacaxis. *Tropicália*. Disponível em: <http://tropicalia.com.br/eubioticamente-atraidos/reportagens-historicas/depois-da-festa-uma-ceia-de-bananas-e-abacaxis>.

Foucault, M. (2008). *A ordem do discurso*. Edições Loyola.

Guerra, P. (2022). Sul, sertão e flores: uma propedêutica necessária para compreender as manifestações artísticas contemporâneas do Sul Global. *Revista Científica Internacional da Universidade do Porto*, 12(3), 45–67.

Neto, T., & Capinan, C. (1968). *Vida, Paixão e Banana do Tropicalismo: 1967-1968* [Arquivo]. Acervo Torquato Neto.

Neto, T. (1968). Entrevista concedida ao jornalista Vanderlei Malta da Cunha. São Paulo.

Neto, T. (1982). *Últimos dias de Paupéria*. Editora Brasiliense.

Neto, T. & Pires, P. R. (Org.) (2004). *Torquatália: obra reunida de Torquato Neto. Vol. II: Geleia Geral*. Rocco.

Veloso, C. (1997). *Verdade tropical*. Companhia das Letras.